

PULSÃO DE MORTE E SUA RELAÇÃO COM OS ESPORTES RADICIAIS

CARNEIRO, Cátia Maria Moreira ¹

PIRES, Valdinirio Gonçalves ²

SOARES, Silvana Aparecida Ferreira ³

SILVA, Renan Marques ⁴

RODRIGUES, Cláudia Fofono ⁵

TOLEDO, Jaqueline Duque Kreutzfeld ⁶

MOTTA, Bruno Feital ⁷

SAMPAIO, Léo Martins ⁸

Revista
Científica
Fagoc

ISSN: 2525-488X

Multi
disciplinar

RESUMO

Considera-se que, até mesmo a prática do “esporte radical”, pode ser compreendida como um elemento de risco que estimula o enfrentamento do desafio provocando inquietação nos praticantes, permitindo que se sintam vivos recompensados ao praticar esse tipo de atividade. A presente pesquisa tem como objetivo analisar os fatores que levam algumas pessoas a procurarem atividades de esportes radicais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de finalidade básica e objetivos exploratório, que contou com a aplicação de questionário semiestruturado a seis praticantes de esportes radicais. Sobre o que os motivou a prática de tais esportes, foram obtidas respostas diversas como: melhora do condicionamento físico, lazer,

influência de amigos, a busca por aventura e adrenalina, ou pelo fato de ter se adaptado melhor aquele esporte. Concluimos que com a prática de esportes radicais sujeito vivencia uma relação que vai do risco à segurança, oportunizando todas as dimensões de sua relação com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Pulsões; Esportes Radicais.

INTRODUÇÃO

Segundo Freud (1998), é preciso aliviar a descarga de pulsões para conseguir de volta o estado de equilíbrio existente antes da carga excitatória. A busca pela adrenalina faz com que as pessoas se coloquem em perigo por diferentes interesses, sem se preocupar com as condições ou até mesmo com os riscos que encontram ao longo de cada percurso, até porque estes os impulsionam a querer explorar cada vez mais o inexplorável.

Freud (1998) coloca a pulsão como um conceito fronteiriço, que não está nem no físico nem no anímico. Ou seja, diz que a pulsão não está dentro do aparelho psíquico, e sim entre este e o somático, num limite entre os dois. Ela é apenas uma exigência de trabalho feita à vida anímica. Exigência de trabalho que pode ser entendida como uma exigência de representação, de simbolização. (ACHERONTA, 1999)

Com isto a pulsão de morte ou até mesmo pulsão de vida, passam a ser a cada dia, uma busca

1 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: catia.carneiro@bol.com.br

2 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: valdnirio@gmail.com

3 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: safsoares@gmail.com

4 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: renan_m4rques@hotmail.com

5 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: claudia.rodrigues@fagoc.br

6 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: jaqueline.toledo@fagoc.br

7 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: bruno.motta@fagoc.br

8 Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: leo.sampaio@fagoc.br

maior e mais compulsiva. Considera-se que, até mesmo a prática do “esporte radical”, pode ser compreendida como um elemento de risco que estimula o enfrentamento do desafio provocando inquietação nos praticantes e, ao mesmo tempo, permitindo que se sintam vivos recompensados ao praticar esse tipo de atividade.

Ao apontar que o perigo não precisa ser enxergado como algo negativo na situação do dia a dia, essa dinâmica representa valores positivos, como o enfrentamento do medo e a superação de todos os limites (ARMBRUST, 2011).

OBJETIVOS

A presente pesquisa tem como objetivo, analisar os fatores que levam algumas pessoas a procurarem atividades de esportes radicais.

Como objetivos específicos buscou-se o que os entrevistados buscam ao realizar esse tipo de esporte; verificar como lidam com os riscos que o esporte proporciona e; apurar o que sentem durante e após a realização desta prática.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo, de desenvolvimento transversal de finalidade fundamental, que segundo Fontelles e colaboradores (2009. p. 6), tem como propósito obter “conhecimentos novos que contribuam para o avanço da ciência, sem que haja aplicação prática prevista.” Com objetivo exploratório, em que há levantamento de questões a fim de “desenvolver hipóteses e aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno”.

De acordo com Fontelles e colaboradores, (2009) a pesquisa qualitativa é entendida como um “tipo de pesquisa apropriada para quem busca o entendimento de fenômenos complexos específicos, em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações”. Segundo o entendimento dos

autores o método qualitativo pode ser identificado como um modo mais participativo de realização de estudos, quando comparado com os trabalhos de ordem quantitativa.

Para coleta de dados foi realizada uma pesquisa de campo, que segundo Marconi e Lakatos; (2003 p. 186) consiste em “conseguir informações ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta [...], que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.”

No campo, a coleta foi realizada com o auxílio de um questionário semiestruturado, abordando diretamente os entrevistados com perguntas básicas, apoiadas teoricamente na revisão bibliográfica realizada para produção dessa pesquisa e relacionadas aos objetivos da pesquisa.

Para tal procedimento, foram selecionadas seis pessoas do sexo masculino, praticantes de esportes radicais, independente do tempo de prática. No contato inicial com os entrevistados foi ressaltada a relevância e os objetivos da entrevista. Os participantes também foram informados sobre o modo que se procederiam as entrevistas, no que diz respeito aos métodos utilizados para coleta dos dados.

Para a análise dos dados, foi utilizado o método comparativo para visando realizar uma relação entre sentimentos diversos que pulsionam os sujeitos que praticam esportes radicais.

REVISÃO TEÓRICA

Surgido na França em 1695, devivido do latim, pulsio, o termo pulsão foi utilizado inicialmente para designar o ato de impulsionar. Freud utilizou a mesma palavra no campo psicanalítico pela primeira vez em 1905. O termo, que ganhou grande importância nos estudos da Psicanálise, foi definido como “a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem”. (ROUDINESCO; PLON,

1998, p. 628)

Em seu trabalho de 1920, Freud se aprofundou nos fenômenos que transcendem o princípio do prazer e não obedecem ao objetivo do aparelho psíquico em baixar as tensões que causam desprazer. O Princípio do prazer, juntamente com o princípio de realidade, foi designado por Freud, como aquele que rege o funcionamento psíquico. Enquanto o primeiro busca alcançar o prazer e evitar o desprazer, sem entraves nem limites, o segundo, altera o primeiro colocando restrições ao sujeito. Restrições essas que são necessárias à adaptação e à realidade externa. (ROUDINESCO; PLON, 1998)

Assim a tendência à estabilidade, desenvolvida por Fechner (1873, apud FREUD, 1998) relaciona a estabilidade ao prazer e a instabilidade ao desprazer. Na busca pelo prazer, o aparelho psíquico tenta manter constantes ou tão baixas quanto possível sua excitação interna. Em seguida, ressalta-se que o princípio do prazer decorre do princípio de constância, ou dito em outras palavras, que o princípio de constância é o fundamento econômico do princípio de prazer. (FREUD, 1998)

De acordo com Gutierrez:

A este propósito creio que não só é oportuno e legítimo, mas também fundamental, destacar que a tendência à descarga total da quantidade de excitação, ou o chamado “princípio de inércia neuronal” (também definido por Freud como “princípio de Nirvana”, como tendência ao desinvestimento absoluto) não rege os destinos da vida psíquica como vida pulsional ou sexual, mas somente os modos de evacuação daquilo que é da autoconservação ou das necessidades que se propõem ao ser vivo com a finalidade de manter-se em vida. (GUTIÉRREZ, 2002, p.1)

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), permanece a questão de saber se aquilo que Freud chama de princípio de prazer, corresponde à manutenção da constância do nível energético ou a uma redução radical das tensões do nível mais baixo, pois se o princípio do prazer é chamado o livre escoamento de energia, ele estaria em

oposição à manutenção da constância, uma vez que essa última corresponderia a uma ligação.

Freud (1998) relacionava os princípios do prazer à constância, entretanto ao recolocar o impasse que a repetição compulsiva traz ao trabalho analítico, ele fala do retorno da aquiescência do mundo, inorgânica ocasionada pela função do princípio do prazer, para adiante afirmar que esse princípio parece estar a serviço da pulsão de morte.

As pulsões de morte têm uma *tendência regressiva* e conservadora, e podem efetuar um trabalho destrutivo de forma silenciosa. Em oposição às pulsões de morte, aparecem as pulsões de vida ou pulsões sexuais, que tendem a produzir formas organizadas e não destrutivas. A vida consiste no conflito dessas duas pulsões, enquanto a morte significa o triunfo das pulsões de morte. Aqui Freud (1920/1975) parece estar próximo do pensamento de Bichat, ao afirmar que a meta de toda a vida é a morte, vendo nesse movimento um retorno a um estado anterior das coisas. (PRATA, 2000, p. 3)

De acordo com Freud, todos possuem a pulsão de vida e a pulsão de morte. A pulsão de vida faz com que o sujeito sinta vontade e busque a sua satisfação. Porém, para aquele que vive em sociedade, sua libido se concretiza durante o instinto organizado. O instinto organizado é a consciência social implantada para orientação do viver coletivamente (OLIVEIRA, 2010).

ESPORTES RADICIAIS

Em um primeiro olhar, os Esportes Radicais podem parecer atividades novas na cultura esportiva, pois se difundiram e ganharam muitos adeptos apenas a partir da década de 1980, com a divulgação pela mídia, a oferta como atividade de lazer e turismo na natureza e a expansão da globalização do comércio em torno deles. (LE BRETON, 2006).

Em vida o sujeito apresenta como condição universal, a existência através de sua

sensorialidade, da afetividade e seus movimentos. Ou seja, a experiência de ser no mundo é sempre atravessada por uma corporeidade. Esta existência corporal será experimentada por condições sociais, culturais, de idade, sexo, gênero, e história em um processo contínuo de comunicação, podendo ser vivenciada de diversas maneiras, entre elas, o perigo e a segurança, como afirma Le Breton:

A existência individual oscila entre vulnerabilidade e segurança, risco e prudência. Pelo fato de que a existência nunca é dada previamente, o gosto pela vida a acompanha na sua evolução e reforça o sabor de todas as coisas. (LE BRETON, 2016, p.34)

Segundo Spink, Aragaki e Alves (2005), de acordo com a construção do conhecimento sobre o tema, no esporte de aventura há uma probabilidade do risco de morte, e no esporte radical é constatado um perigo mais próximo à morte. Essas definições também se baseiam em dados de mortalidade esportivas, nos quais os esportes que envolvem o lado aventureiro é o que menos tem relatos, como um esporte com menor índice de casos onde ocorreram mortes.

COSTA, (2009) mostra que:

Quando essas atividades são procuradas, de forma alguma são tratadas como ilusão. Mesmo que o fracasso e a morte caminhem junto com essa escolha, ela deve permanecer na esfera do controle, onde o indivíduo se senta capaz de dominar a ação, onde somente suas armas estão disponíveis para solucionar possíveis eventualidades, tendo a sensação de construir a cada segundo seu avanço. Quanto mais difícil o obstáculo superado mais se torna prazerosa a ação, mais o indivíduo se sente fortalecido por tê-las enfrentado, e maior é o rendimento simbólico que a atividade gera em relação à formação ou aprimoramento de uma identidade pessoal. Se o risco não existisse, se não houvesse dificuldade, realizar essas tarefas não teria muito interesse, a não ser para iniciantes, limitados no imaginário do risco. Quando é encontrado, esse imaginário onde se consegue se desdobrar e usar todo seu potencial, o indivíduo reencontra

o pleno prazer de uma existência que não é comum, podendo nela exercer total sagacidade, resistência e coragem. Este momento está plenamente inserido em um processo criativo, faz com que esse ator crie uma relação lúdica com o mundo. (COSTA, 2009, p.34)

Para Le Breton (2006), os esportes de aventura trazem para os atletas uma recompensa ao lidarem com a proximidade da morte e uma sensação de tarefa realizada. Ou seja, quanto maior a superação do limite, maior será também o mérito do atleta. Entretanto, essa busca por sentimentos fortes, obtida através da proximidade com a morte, não deve ser confundida com descaso e insensatez com a própria vida, pois, o envolvimento com tais atividades em meio à natureza, ocorre de forma consciente e com equipamentos pessoais que trazem segurança ao praticante, pois não se deseja interromper a vida, e sim dar sentido a ela.

Le Breton afirma ainda:

Com a condição de se expor ao risco de perder a vida, o indivíduo caça no território da morte e traz o troféu que não é um objeto, mas um momento impregnado da imensidão do ser, trazendo nele a insistente lembrança do momento em que, por sua coragem ou por iniciativa, ele conseguiu arrancar dela a garantia de uma vida doravante bem forjada. (LE BRETON, 2006, p.108)

A sensação de proximidade com a morte é o que proporciona aos praticantes de atividades arriscadas, experimentarem fortes e intensas emoções e retirarem o máximo de proveito das mesmas. “O risco torna-se uma espécie de onde retirar o sentido, realçar o gosto de viver enfraquecido [...] após tê-lo perdido.”. (LE BRETON, 2006, p. 101)

RESULTADO/DISCUSSÃO

Participaram do estudo seis praticantes de esportes radicais, sendo três da modalidade Mountain Bike e três de Motocross. Todos os entrevistados são do sexo masculino e com idades compreendidas

entre 27 e 40 anos. Três entrevistados possuem escolaridade de nível superior completo, um possui primeiro grau completo e os outros dois, segundo grau completo. Todos possuem remuneração acima de dois salários mínimos e praticam o esporte em grupo. O tempo de prática dos entrevistados nos esportes citados varia de três a doze anos, sendo que todos se enquadram na categoria amador, bem como afirmam utilizar os equipamentos de segurança exigidos na prática esportiva. Sobre o que os motivou a prática de tais esportes, foram obtidas respostas diversas como: melhorar o condicionamento físico, por lazer, por influência de amigos, a busca por aventura e adrenalina, ou pelo fato de ter se adaptado melhor aquele esporte. A respeito do perigo em tais práticas esportivas, todos os entrevistados informaram estarem ciente do mesmo, mas que sentem prazer nessa atividade. O medo está presente em 50% dos praticantes durante a prática esportiva, e a adrenalina está presente em quase 70% dos entrevistados, mas as recompensas são o prazer, a tranquilidade, a descarga de várias sensações prazerosas, a realização e o desejo de retornar a tais atividades posteriormente.

Os participantes ainda relataram que na prática esportiva procuram por adrenalina, prazer ou a descarga das tensões geradas pelo cotidiano cheio de regras e restrições impostas pela sociedade. Esse discurso vai de encontro ao proposto por COSTA (2009), que afirma serem necessárias vivencias em que o sujeito possa manifestar pulsões, sejam elas de modo coletivo ou individual, mais intensas. Foi observado que esses participantes iniciaram tais práticas esportivas após os vinte e dois anos de idade, época que as responsabilidades tendem a aumentar por conta do ingresso no ambiente de trabalho, onde não se pode expressar as emoções em demasia. Nesse caso, o esporte compõe um lugar primordial para esses sujeitos, uma vez que, com ele podem expressar fortes emoções em público, contando ainda com a aprovação social. (COSTA, 2009)

Também chama atenção a utilização de equipamentos de segurança por todos os entrevistados. Sobre esse ponto os entrevistados afirma praticar o esporte de forma consciente, onde os riscos são controlados, pois o que se deseja é dar sentido à vida e torná-la mais leve.

Todos os entrevistados realizam a prática esportiva em lugares afastados da área urbana e de forma vivida. Sobre isso, vale retomar o dito de Costa (2009, p.17), “viver não basta mais, é preciso se sentir intensamente”. É através do contato direto com a natureza, longe dos centros urbanos, que se torna possível a reflexão, e o desligar-se do ritmo acelerado e tumultuado aos quais os sujeitos são imersos diariamente, ou seja, uma forma de se contrapor à própria realidade. Para Le Breton, (2006, p. 113) “as emoções das práticas perigosas aparecem como respiração necessária que vem em salvação ao sufocamento de si mesmo”.

CONCLUSÃO

Segundo Le Breton (2009), com a prática do esporte radical há uma intensificação da sensação da presença particular no mundo, fazendo do confronto consigo mesmo uma prova de autenticidade. O sujeito passa a conhecer uma relação que vai do risco à segurança, oportunizando todas as dimensões de sua relação potencial com o mundo. Conseguimos notar, como já dito, que a existência humana, individual e coletiva, oscila entre vulnerabilidade e segurança, perigo e prudência. Pelo fato da existência nunca se mostrar antecipadamente em seu desenvolvimento é que o gosto de viver acompanha com seu tempero, lembrando ao homem o sabor de todas as coisas.

A busca pela adrenalina faz com que as pessoas se coloquem em risco por diferentes interesses, sem se preocupar com as condições ou com os perigos que encontraram ao longo de cada percurso, até porque estes são os que os pulsionam a querer explorar cada vez mais o inexplorável, e isto se torna cada vez mais repetitivo a cada estímulo que recebem, a cada medalha que ganham, a cada troféu que exibem. Independente se os estímulos são físicos ou psíquicos. A partir daí a pulsão de morte ou pulsão de vida passa a ser a cada dia mais, uma busca maior.

REFERÊNCIAS

ACHERONTA, Revista de Psicoanálisis y Cultura. Número 9 - Julio 1999. Disponível em: <http://www.acheronta.org/acheronta9/pulsoes.htm>

ARMBRUST, I. Esportes Radicais com potenciais geradores de Saberes Interdisciplinares: USJT 2011 153 f. Programa de Pós-Graduação stricto sensu (Mestrado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2011

COSTA, M.V., Atividades de aventura e risco como busca da excitação no lazer e no esporte: Rio Claro, Unesp, 2009, 21f Trabalho de Conclusão (Bacharelado- Educação Física), Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

FONTELLES, M.J.; SIMÕES, M.G.; FARIAS, S.H.; FONTELLES, R.G.S. Metodologia da pesquisa Científica: Diretrizes para a elaboração de um Protocolo de Pesquisa, Unama, 2009, Núcleo de Bioestatística aplicado à pesquisa da Universidade da Amazônia, Universidade da Amazônia, 2009

FREUD, S.; Além do princípio do prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

GUTIERREZ-T.J. O conceito de Pulsão de Morte na obra de Freud. Ágora (Rio de Janeiro) [online]. 2002, vol.5, n.1 p. 91-100. Disponível em: <http://dx.doi.org>

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE BRETON, D. Risco e lazer na natureza. MARINHO, A.; BRUNS, H. T. (Org) Viagens, lazer e esporte. Barueri: Manole, 2006.

LE BRETON, D. Flerte com a morte [outubro 2016]. João Vitor Santos. Revista do Instituto Humanista Unisinos. São Leopoldo, 31 outubro 2016, Edição 496.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

OLIVEIRA, L.G. Eros e Thanatos: A pulsão de vida no conceito Freudiano e o Homo Consumericus Revista Labirinto, ano x, nº 14, dezembro de 2010, 31f.

PRATA, M.R., Pulsão de morte: mortificação ou combate? Ágora (Rio de Janeiro) [online]. 2000, vol.3, n2, p. 115-135. Disponível em: <http://dx.doi.org>.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar ed. 1998

ROZA, L.A.G., Freud e o Inconsciente. 1936-G211f 22 edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2009

SPINK, M. J. P.; ARAGAKI, S. S.; ALVES, M. P. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 18, n. 1, Apr. 2005.